

## IDENTIDADE DO SUJEITO NO RIO GRANDE DO SUL: BUSCA DE TRAJETÓRIAS

Vejane GAELZER\*

*ABSTRACT: this research comments on the construction the German immigrants' identity imaginary during the period of the New State. The term identity is not something fixed or stable, instead it is a concept difficult to be defined; it is not something ready and finished with a totalizing and homogeneous subject. The subject's constitution involves not only language issues but also a series of political questions, ideological positions, social exclusion and symbolic objects. Based on such perspectives, it is suggested the search for elements which pervade the construction of the German immigrant's identity and of their descendants, based on Michel Pêcheux's (1997) theoretical presuppositions. So, the discursive corpus is composed of German discursive materiality in its historical production conditions, attached to the subject-position, according to discursive knowledge to which they refer to. Based on the corpus analysis, a brief construction of those subjects' identity imaginary is constructed.*

*KEYWORDS: imaginary of identity, immigrants, language, subject-position, Discursive Formation.*

### 1. Introdução

O termo “identidade” deriva da raiz latina *idem* que traz a ideia de igualdade, relação de semelhança absoluta entre duas coisas, tendo as mesmas características e sendo as mesmas, no entanto, não estamos buscando caracterizar a identidade como o mesmo, idêntico a si mesmo, porque o conceito assim entendido está em conflito com a concepção heterogênea da linguagem pautada na Análise do Discurso. Para Rajagopalan (1998), “a linguística, desde a sua estréia como ciência moderna, tomou a questão da identidade como uma questão pacífica, tanto no caso da identidade de uma língua quanto no caso da identidade do falante de uma língua” (id., p. 26). Neste sentido, a identidade nas discussões lingüísticas é vista como natural, sem criticidade. Segundo o autor, a linguística tem por objetivo a língua em si mesma, buscando examinar as relações que unem os elementos e suas respectivas funções a partir da estrutura. Diante disso, a Linguística não se preocupa com outras questões que não estejam relacionadas às regras e às estruturas. No entanto, neste trabalho, trabalhamos pelo viés da Análise do Discurso (AD), uma vez que essa teoria possibilita uma leitura nos entremeios com a possibilidade de examinarmos as relações entre sujeito, língua e história, considerando os discursos dos imigrantes alemães e seus descendentes em torno dos sentidos atribuídos à condição de ser imigrante e os elementos identitários, que os constituem nas décadas de 30 e 40.

### 2. A trajetória do Imigrante Alemão no Rio Grande do Sul

A imigração alemã na colonização do Rio Grande do Sul precisa ser considerada não como um fato isolado no processo histórico do Brasil, mas situada no cenário político, social e econômico da realidade do país. A vinda de imigrantes alemães para o Brasil poderia ser

---

\* Doutoranda da linha de Estudos da Linguagem, área de concentração Teorias do Texto e do Discurso, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Bento Gonçalves/Rio Grande do Sul.

considerada “um negócio” que beneficiou a ambos: o Brasil e os imigrantes. Para o Brasil, a vinda de imigrantes poderia resolver o problema e a falta de recursos humanos para o trabalho, no caso da região sul, para o plantio. Os territórios vazios seriam motivo de contínuas disputas e conflitos de fronteira com os vizinhos: Paraguai, Argentina e Uruguai. Na época, o Sul era esparsamente habitado por estancieiros e alguns colonos açorianos, e algumas regiões ainda não estavam ocupadas, por isso, esse território significava uma tentação para os vizinhos platinos. Por outro lado, para os imigrantes, o Brasil apresentava-se como uma solução para o território que a Alemanha<sup>2</sup> não oferecia para todos os colonos. As províncias de onde procediam os imigrantes achavam-se superpovoadas e as terras não ofereciam perspectivas para esses colonos, e a industrialização, considerada próspera, não seria capaz de absorver todos os colonos empobrecidos diante das guerras. Nesse cenário, a vinda de pequenos agricultores para o Brasil, representava uma solução para o país e para os imigrantes.

Esses primeiros colonos receberam um lote de terra, estas distantes a 30/40 Km da sede, sem estradas e sem escolas. Segundo Müller (1981), o governo brasileiro para incentivar a imigração oferecia benefícios para os colonos, como: passagem paga; concessão de cidadania; concessão de lotes de terra livres ou desimpedidos; suprimento com as primeiras necessidades; materiais de trabalho e animais; isenção de impostos por alguns anos; liberdade de culto. Diante desses benefícios, percebemos que o governo prometeu ajudar os colonos e facilitou a sua vinda, deixando-lhes reservada uma área. Desta forma, o convênio entre os governos seria, aparentemente, uma solução para o Brasil e para os imigrantes.

Para ilustrar esses benefícios oferecidos aos imigrantes, trazemos um recorte de um descendente de imigrantes alemães que retrata parte da história e o modo como os imigrantes alemães e seus descendentes enfrentavam e construíram suas vidas ao chegar a um país tropical desconhecido. O recorte reporta-se a um descendente de imigrantes que cresceu ouvindo histórias sobre a colonização na região sul do país. Ele é um senhor de 70 anos, engenheiro, filho de agricultores alemães, que atualmente reside na cidade de Santa Rosa, região noroeste do estado. Antes de se tornar município, Santa Rosa era chamada de 14 de Julho, distrito de Santo Ângelo e dependia dela oficialmente:

R1: Na época que meus pais viveram tinha uma colonização encaminhada aqui. Tinha um convênio entre os dois governos e eles iam direto para as colônias. Na nossa região foi designada para trabalhar a terra, vinham diretamente para a colônia.

Esse recorte nos mostra que a imigração foi planejada e que esses imigrantes eram bem-vindos e aceitos em terra brasileira. Os imigrantes iam direto para as chamadas colônias e recebiam um pedaço de terra para trabalhar, algo que eles não tinham no seu lugar de origem. Isso representava para eles uma grande motivação. Neste sentido, projetou-se para o Sul a implantação de uma agricultura alicerçada na pequena propriedade de caráter familiar. Diante dessas condições, os agricultores eram obrigados a manter uma economia baseada na policultura para poderem sobreviver. Eles não recebiam apoio de recursos públicos para atender as suas necessidades de sobrevivência, como por exemplo: construção de escolas,

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar, conforme Müller (1981, p. 45), que a “Alemanha não existia como unidade nacional. Havia reinados, principados, ducados, independentes entre si. A língua identificava e unificava todos e aí pode-se falar em Alemanha. Lutero ao traduzir a bíblia criou uma língua oficial que propiciasse a leitura da bíblia a todos, até então havia diversos dialetos. Ao uniformizar a língua, havia um elo comum entre todos os departamentos políticos vindos da Idade Média. Neste sentido, ao falarmos em imigrantes da Alemanha, antes de 1871, ano da unificação formalizada por Bismark, referimo-nos às pessoas de fala alemã. Os passaportes da época registram a origem das pessoas como sendo da Prússia, de Schleswig-Holstein, Renânia, Hesse ou Pomerânia. Como todos falavam a mesma língua, a História apenas registra “alemães”.

igrejas ou estradas. Para sanar essas questões, os colonos alemães se reuniam e em grupo providenciavam o que faltava. Mesmo que eles morassem em lugares dispersos, eles mantinham a sua integração comunitária solidamente estruturada em torno dos seus propósitos comuns. Estes se reduziam basicamente em torno da escola e da educação, como também a constante preocupação com a religião. Dessa forma, a vida comunitária girava em torno da escola e da igreja. Segundo Rambo<sup>3</sup> (2003):

a comunidade continuou a significar, além da família, a grande motivadora da vida dos colonizadores. Nela haviam nascido, nela encontravam praticamente tudo de que necessitavam, nela tinham o seu mundo de relacionamento humano, nela enfim se esgota a existência da grande maioria. Importava, por isso, preservá-la de tudo quanto pudesse ameaçar a sua integridade (p. 69).

Os pequenos agricultores procuravam deixar bem estruturado os três elementos que os mantinham unidos e identificados: a escola, a educação e a religião. É sobre esses alicerces que eles constituem a sua pequena comunidade e se unem para preservá-la. Nas falas dos descendentes aparece constantemente a valorização das comunidades e através dela se mantinham e se ajudavam mutuamente. Essa solidariedade é perceptível nas falas das pessoas ao relembrar como seus pais viviam e o que aprenderam com eles.

A seguir, temos outra fala de um recorte de uma fala de uma descendente de imigrantes, seus antepassados chegaram ao Brasil, no início do século XIX. Trata-se de uma agricultora aposentada, com 82 anos, que reside atualmente na cidade de Tuparendi, localizada na região Noroeste do estado, cidade vizinha de Santa Rosa. A senhora é uma pessoa bastante animada, gosta muito de conversar *auf Deutsch* (em alemão) e de relembrar a sua infância e o modo de viver da época. A fala ilustra o empenho de pequenos agricultores em ajudar a comunidade a que pertencia:

R2: Die Eltern, mein Papa hat immer mitgeholfen in der Gesellschaft, die Kirche, die Schule. Die Nachbarn haben wir alles Deutsch gehabt. In der Schule war alles Deutsch, ich hatte ein Lehrer, er hat immer Deutsch gesprochen. Der Professor, der Lehrer war immer gut mit uns, das vergesse ich nicht<sup>4</sup>.

A fala<sup>5</sup> ilustra a convivência e a união entre as famílias e a comunidade, os pais se envolviam na vida comunitária da igreja e da escola. A vida comunitária é uma característica entre os agricultores alemães, por ser um modo de sobrevivência, pois era necessário juntar forças para construir uma comunidade com o mínimo de estrutura: escola, igreja. Esta forma de (con)viver aparece na fala das pessoas, ao relembrar de fatos do passado e eles se mantinham unidos para não perderem os elementos que os identificavam como uma comunidade alemã. Todos se sentiam responsáveis em colaborar uns com os outros na preservação da sua comunidade, nos elementos que os ligavam e os identificavam como imigrantes alemães. Vale ressaltar que a senhora fala diariamente a língua Alemã e esta faz parte da sua vida, sobreviveu à época da proibição, instituída pelo Governo Vargas. Diante disso, percebemos que a Língua Alemã permeia todos os espaços que participam da constituição do sujeito alemão, na família, na igreja e na escola. Logo, a língua é um elemento

<sup>3</sup> Na obra: RAMBO, Arthur Blásio. *O teuto-brasileiro e sua identidade*. In: Etnia e Educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres. Editora: Unisul, 2003. O autor trata sobre as questões de imigração no início das colonizações e a trajetória histórica da igreja e da escola na vida de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul.

<sup>4</sup> Os pais, meu pai sempre ajudou na comunidade, na igreja, na escola. Os vizinhos todos eram alemães. Na escola era tudo em alemão, nós tínhamos um professor, ele sempre falava em alemão. O professor, ele era sempre muito bom conosco, isso eu não esqueço. [tradução nossa]

<sup>5</sup> Todas as traduções feitas sob os depoimentos de imigrantes e de responsabilidade nossa.

simbólico de identidade dessa comunidade, a que ela se refere. Entre eles mantinham aceso o elo de sentimento de pertencimento a sua *Heimat*, é como se fosse reconstruída em outro lugar. Neste sentido, *Heimat* representa um lugar concreto, construído juntos, onde (con)vivem os imigrantes e seus descendentes, cultivando a sua história pelo próprio modo de viver em comunidade, ajudando-se mutuamente.

No entanto, não podemos desconsiderar que esta união provém também das condições precárias de sobrevivência. Muitas vezes, se uniam para poder se adaptar num país tropical, diferente daquele de sua origem. Ademais, estava claro para eles que não se tratava apenas de uma réplica de seus costumes, mas uma ressignificação. Primeiro, porque as condições climáticas eram diferentes do país de origem; segundo, preservar os costumes adaptados assumia uma proporção muito maior, pois se tratavam de questões identitárias que os mantinham ligados simbolicamente à sua querida *Heimat*.

Embora pareça insignificante a questão do clima, é relevante, porque diferentes costumes são aplicados na terra tropical. Um exemplo disso é a ressignificação do Natal. Estavam acostumados com natal e neve, já no Brasil, o Natal acontece em pleno verão tropical. Wolff (1981) chama atenção para esse fato em seus escritos, “*Es wird heißer. Bald ist Weihnachten [...] Die Weihnachtbäume sind auch in unser Gegend selten. Tanen gibt es schon gar nicht. Dafür nimmt man junge Pinien*”<sup>6</sup> (p. 29). Pelas observações podemos depreender que eles procuravam manter suas tradições, mesmo que estas fossem adaptadas, como é o caso de substituir o tipo de árvore natalina. Aquela usada na Alemanha não existia no Brasil, mas o símbolo da árvore natalina permanecia. Essa questão simbólica preservada é relevante. Além da árvore natalina, temos outro elemento que nos mostra o elo sentimental com a *Heimat*, é o uso do algodão na árvore de natal. Num primeiro momento, parece insignificante, mas ele carrega consigo elementos sentimentais. Como afirmamos anteriormente, eles estavam num país tropical e a vida e seus costumes precisavam ser adaptados, ou, às vezes, representados simbolicamente.

O próximo recorte, tirado da fala de uma descendente de imigrantes, nos mostra o valor afetivo e simbólico do algodão, colocado nas pontas das árvores natalinas e usado como um enfeite. A sequência discursiva é retirada da fala de uma senhora, agricultora aposentada de 78 anos, que até pouco tempo colocava algodões na ponta das árvores natalinas. Seus antepassados chegaram com as primeiras colonizações no início do século XIX, seus costumes e a língua foram passando de geração a geração:

R3: “Eu me lembro quando eu era pequena, perguntei curiosa para minha mãe, o que aquele algodão estava fazendo nas pontas da árvore de natal. Ela sorrindo me respondeu que eu não conhecia, mas isso significava a neve que tinha na Alemanha. Nossos antepassados que vieram da Alemanha tinham saudades da neve no Natal e que por isso colocavam na árvore, só para lembrar.”

Essa sequência discursiva retrata a tentativa dessas pessoas de manter presente as lembranças sentimentais da sua *Heimat* e torná-la presente na construção da nova pátria. Ao dizer: “*Ela sorrindo me respondeu que eu não conhecia, mas que isso significava a neve que tinha na Alemanha*” é um modo de representar simbolicamente algo que ficou para trás, mas que sentimentalmente está presente em suas vidas, fazendo com que esta recuperação da ausência de um símbolo viesse a resgatar uma história. Ao afirmar: “*nossos antepassados tinham saudades da neve no Natal e por isso colocavam na árvore, só para lembrar*”, percebemos que o imigrante sente saudades do que ficou na Alemanha e que de um modo

---

<sup>6</sup> Fica mais quente. Logo é natal [...] As árvores de natal são raras na região. Ciprestes não existem aqui. Para isso, busca-se pequenos pinheiros. [tradução nossa]

representativo procuram manter viva essa lembrança. Sabemos que os imigrantes que escolheram o Brasil, o fizeram na esperança de encontrar para suas famílias melhores condições de vida do que aquelas que tinham na sua terra natal, por isso não significou que ao abandonar seu país de origem, estavam abdicando de suas raízes, ao contrário, tentavam reproduzir seus costumes em um país tropical.

### 3. A Identidade do Imigrante Alemão pelo viés da Língua.

Ao tratarmos da questão do imigrante, temos observado a relação dele com a língua, com sua história, sua memória e sua identidade. A língua cumpre um papel essencial: o de objeto simbólico de identificação do grupo social dos imigrantes. Para Mariani<sup>7</sup> (2007, p. 12), “a língua como objeto simbólico de uma nação faz parte de um intrincado entrelaçamento de estruturas sociais e culturais nas quais circulam memórias e imagens que afetam o modo como a história dessa nação é contada e também o modo como os processos de subjetivação ocorrem”. Ao considerarmos as palavras da autora, percebemos a importância da língua na construção da identidade de uma nação e os processos de identificação que marcam os sujeitos. É pela preservação da língua que se cultivam as memórias, a cultura e o sentimento de pertencimento de um povo. Como já abordado neste trabalho, os imigrantes que vieram para o Brasil, não tinham a intenção de negar ou apagar sua identidade, pois o imigrante já tinha se constituído como sujeito, inscrito numa ordem simbólica e histórica, que constituía a sua identidade e esta não foi deixada para trás. Portanto, eles faziam questão de preservar a sua identidade através da identificação e preservação da sua língua materna e é pela relação do imigrante com a sua língua, sua história e seus costumes que ele constitui a construção da sua identidade.

Neste sentido, os imigrantes alemães na construção da sua nova *Heimat* preservaram o elemento essencial para a continuação da existência dos seus elementos identitários: a Língua Alemã. Como eles mesmos reconhecem, um dos motivos de união entre eles, era a questão da preservação da língua e de sua cultura, por isso se dedicavam à construção e ao funcionamento de escolas. A escola como símbolo de preservação da identidade cultural, primeiramente, porque dava continuidade à língua alemã; em segundo, porque a escola traduzia em ações o espírito da comunidade que unia essas pessoas, as escolas intituladas como *Schulgemeinde*<sup>8</sup>. Nelas, as crianças dos colonos alemães tinham seus ensinamentos escolares, portanto, um meio eficaz de divulgar a cultura, cultivar a língua e preservar as raízes identitárias. A comunidade era responsável por todo funcionamento da escola e juntos assumiam o compromisso de eleger a diretoria e esta de contratar um professor. O professor, figura importante e respeitada na comunidade, recebia, para usufruir, uma área de terra para que pudesse plantar. No decorrer das atividades, faziam-lhe a fiscalização. Por meio das *Schulgemeinde*, os filhos de agricultores alemães recebiam instrução formal, e se estas escolas não existissem, provavelmente, as primeiras gerações de imigrantes teriam ficado sem escola,

<sup>7</sup> A citação dessa autora encontra-se no prefácio feito para o livro de Araújo, Anne Francialy da Costa. *Língua e identidade: reflexões discursivas a partir do diretório dos índios*. Maceió: EDUFAL, 2007.

<sup>8</sup> *Schulgemeinde* é uma expressão utilizada pelos alemães no Brasil e significa escola comunitária. Esta era utilizada para designar as escolas fundadas pelos imigrantes alemães no início da colonização da região sul do país, eles a chamavam assim, porque constituíam as escolas na comunidade a partir da construção da escola em grupo e a própria manutenção dela, o professor era contratado por conta da comunidade, até mesmo o lugar em que a escola era construída, era cedido por um membro da comunidade. Essas escolas eram construídas porque as crianças não tinham onde frequentar as aulas, existiu, na época, um “certo abandono” do poder público para com os imigrantes e seus filhos. Diante desse cenário de abandono e precariedade, os agricultores se viram obrigados a providenciar escolas para seus filhos. Daí, a construção das *Schulgemeinde*.

porque não receberam apoio dos municípios ou do Estado. Na escola, procurava-se ensinar tudo que pudesse contribuir para que os filhos dos agricultores alemães continuassem nas atividades da propriedade. Também na escola, disseminava-se a ideia da vida comunal e ensinavam-se às crianças a se compreenderem mutuamente e a se engajarem em objetivos comuns, levando-as ao trabalho comunitário.

Rambo (2003) chama atenção para o fato de que os imigrantes praticamente reproduziam seu modo de viver da antiga *Heimat*:

Em tais circunstâncias, o exercício da cidadania não ia além de algumas formalidades burocráticas. Registravam-se os nascimentos, os óbitos, os casamentos. Regularizavam-se os títulos de propriedade e providenciavam-se os inventários e talvez alguma coisa a mais. De resto sua vida diária, do colono, sua maneira de ser, seu convívio social permanecia muito próximo da origem. Parecia que nada mais acontecera do que um transplante da Europa para o espaço físico e geográfico no Sul do Brasil (id., p. 78).

Para o autor, alguns fatores favoreceram a preservação da identidade alemã na região sul, como ele afirma: “o transplante da Europa para o Sul do Brasil”. Uma das questões mais significativas é a ausência do apoio público na vida cotidiana dos colonos, de modo que eles tinham a possibilidade de trazer seus costumes para a sua vida diária, sem interferência de ninguém. Dessa maneira, ficou mais fácil preservar as raízes identitárias da *Heimat*. A preservação dessas raízes identitárias também está relacionada com os objetivos da colonização: de ocupar as terras de fronteiras e distantes em pequenas propriedades que estavam à margem da sociedade, as quais não participavam dos benefícios que o sistema podia lhes oferecer. Distantes dos grandes centros, a atividade de subsistência e sem infraestrutura não lhes permitia a possibilidade de se dedicar a atividades produtivas rentáveis. Desse modo, restava-lhes manter atividades de subsistência e se unir para providenciar o que era de responsabilidade do Estado. Os imigrantes sem respaldo público construíram as suas pequenas comunidades e nelas constituíram a sua identidade, uma vez que trouxeram consigo uma bagagem cultural e elementos identitários que não se apagam de uma hora para outra.

Sobre a questão identitária Lando e Barros (1976) afirmam que “não se deve entender por indivíduo uma unidade física, mas sim alguém que traz consigo toda bagagem cultural, social, e experiências de formas de produção diferentes, enfim, uma sociedade determinada” (p. 60). As palavras nos levam a refletir sobre a bagagem cultural que está agregada à formação dos imigrantes e que está presente na construção da nova comunidade no país escolhido. Esta formação identitária está intimamente ligada ao sujeito e aflora no seu cotidiano. Neste sentido, o sujeito traz consigo toda gama de aprendizagens que o constituem e o identificam. Entre esses elementos que os imigrantes trouxeram, destacamos que a língua Alemã permeava o cotidiano das pessoas nas diferentes instâncias, como os cultos, as aulas, os ornamentos das casas, os calendários, o comércio, as ruas, enfim, em todas as situações sociais. Neste sentido, é compreensível que a língua Alemã é a língua usada em todos os momentos. Para Metzler (1937), “a língua materna acompanha o imigrante para além do oceano, narra com sons familiares as histórias carregadas de amor. Da mesma forma, acompanha-o no dia-a-dia de suas labutas, alarga horizontes, estende os braços e enriquece tanto com os tesouros quanto com perigos, que oferecem as plantas, os animais, as intempéries e a paisagem da nova pátria” (p. 3). Isso significa que não há como separá-los da sua língua, uma vez que é através dela que eles se constituem como sujeitos e se identificam.

Segundo Kipper (1979), “o costume de gravar dísticos, pensamentos, poesias ou ditados em alemão era muito comum entre os descendentes dos imigrantes, que os usavam tanto em fachadas de prédios, como em lápides tumulares, em quadros comemorativos

(ANDENKEN) de datas importantes das sociedades” (p. 20). O autor aponta para a importância dada à língua pelos imigrantes e seus descendentes em vários momentos do cotidiano da vida social. A língua estava presente em todas as relações. A sua importância era tamanha que as pessoas faziam questão que estivesse presente de modo visível em seus lares. Um exemplo típico entre os colonos são as *Wandsprüche* - os provérbios de parede - que enfeitavam principalmente as cozinhas. Estes eram, na sua maioria, bordados pelas mulheres com motivos bucólicos ou dizeres da bíblia e depois emoldurados. Além das *Wandsprüche*, conforme Tornquist (1997), era comum entre os alemães o uso de *Sprichwörter*, por ser um modo de transmitir mensagens educativas, tanto no âmbito religioso como escolar. Portanto, estes provérbios tinham outra função, além de ornamentar os lares, animar ou consolar os membros da família, era uma forma eficaz de transmissão dos valores éticos herdados. Segundo a Tornquist (id.), “*Durch ihre kurze Form und Bildhaftigkeit prägen sie sich besonders leicht dem kindlichen Gemüt ein, weshalb sie schon in Mittelalter ein beliebtestes Erziehungsmittel in Kirche und Schule darstellen*”<sup>9</sup> (p. 162). Os ditados são usados para sentimentalmente educar as crianças, pois são de fácil compreensão e são usados constantemente, tanto na igreja como na escola. Além de enfeitar a parede da casa, a mensagem é lida e, ao mesmo tempo, absorvida e aplicada na vida dos imigrantes.

O recorte a seguir retrata, na prática, as palavras da autora sobre os provérbios. Trata-se de uma senhora, descendente de imigrantes que chegaram ao Brasil no final do século XIX. Ela reside na cidade de Tuparendi, Noroeste do Estado. A educação que recebeu ensinou-lhe a valorizar a Língua Alemã e os ensinamentos religiosos:

R4: An die Wand Deutsche Sprüche angemacht. Die Mama selbst hat die Sprüche gemacht, so ein Bilbelspruch. Ich weiss es noch, “Unseres tägliches Brot, gib es uns heute”. Es war so schön, es war so an die Wand angemacht und konnte immer so kucken, hat man sich hingesetzt und konnte man lesen. Das war was schönes<sup>10</sup>.

Pelo viés da memória, a descendente de imigrantes relembra um costume herdado dos primeiros colonos imigrantes: o de ornamentar a casa com panos de parede, como já dito, além de enfeites simples e baratos, estes também visavam a passar valores éticos e religiosos. Sabemos que a maioria dos colonos alemães não tinha muito recursos financeiros, por isso, seus lares eram simples e, na maioria das vezes, eles mesmos confeccionavam os enfeites e plantavam muitas flores, pois não tinham recursos para comprar, como ela afirma “*die Mama selbst hat die Sprüche gemacht*” (a própria mãe confeccionou o provérbio). Diante dessa situação, os provérbios bordados pelas mulheres eram pregados nas paredes como um meio barato de enfeitar a casa e, ao mesmo tempo, um modo de educar religiosamente as crianças. Como exemplifica a fala, “*unseres tägliches Brot, gib es uns heute*”, (nosso pão de cada dia, nos dá hoje), o provérbio atingiu o objetivo, o de educar religiosamente, servindo de orientação para toda vida. Tornquist (1997) nos lembra que Martin Lutero, em seus textos de pregação usava *Sprichwörter*, “*es sei auch daran erinnert, daß Luther immer wieder in seinen Texten Sprichwörter benutzt hat, um seine Botschaft auch dem gemeinen Mann verständlicher zu machen*”<sup>11</sup> (p. 162). A autora nos mostra que Martin Lutero, frequentemente utilizava

<sup>9</sup> Através da forma curta e ilustrativa, eles pregam de modo especialmente fácil às crianças e por isso eles também, na adolescência, são colocados no meio educativo e são preferidos na igreja e na escola. [tradução nossa]

<sup>10</sup> Na parede são colocados provérbios alemães. A mãe mesma quem fez aos provérbios, assim um provérbio religioso. Eu ainda o sei: *Nosso pão de cada dia, nos dá hoje*. Isso era tão bonito, isso era colocado na parede e a gente sempre podia olhar, se sentava e podia ler. Isso era algo bonito. [tradução nossa]

<sup>11</sup> “também estejam lembrados, que Martin Lutero utilizava com frequência textos com provérbios, para se fazer compreendido na sua comunidade eclesial e também para os homens do povo. [tradução nossa]

provérbios em suas pregações, por ser uma forma eficaz e fácil de passar ensinamentos. Este mesmo costume é usado pelos imigrantes alemães para ensinar e preservar seus valores, sua religião e sua língua. Neste sentido, a fé através da língua também está presente na vida dessas pessoas. Para enfatizar a fé, além de preservá-la em casa, eles oportunizaram momentos especiais, como encontros aos domingos nos cultos ou nas missas. Esses momentos são ressaltados nas falas, ao lembrar o passado e o modo de convivência. O recorte a seguir é de um senhor descendente de agricultores imigrantes alemães. Muitos imigrantes sabiam da importância do estudo, por isso fundaram as *Gemeindeschule* e incentivavam seus filhos a estudarem e terem outra profissão, para não serem apenas agricultores. É filho de uma destas famílias que traremos o recorte a seguir. O filho de imigrantes de alemães passou sua infância e adolescência no interior junto com seus pais e, mais tarde, com incentivo da família frequentou a faculdade e se formou engenheiro civil. Ele relembra com carinho a sua juventude e os momentos que viveram:

R5: as famílias todas viviam tradicionalmente em alemão, não tinha outro sistema. Só se falava em alemão. Aqui não tinha quem não falava em alemão, olha a juventude que a gente foi, era em alemão, falavam um pouco em português, mas o principal era em alemão, as canções era em alemão.

A fala retrata a relação das pessoas com a língua, era na língua alemã que as pessoas se constituíam e esta era uma forma de união entre eles, “*aqui não tinha quem não falava em alemão*”. Os sujeitos se reconheciam na e pela língua, portanto, o modo como eles se constituem e se identificam passa pela ligação com a língua. Esta está presente nas práticas sociais do cotidiano destes imigrantes e seus descendentes. Eles procuravam reproduzir seus costumes aqui no Brasil e isto é ressaltado em “*as famílias todas viviam tradicionalmente em alemão, não tinha outro sistema*”. Como já dito anteriormente, não seria possível eles se desfazerem da bagagem cultural que os constituiu. Esta ecoa nas suas práticas sociais do cotidiano.

Wolff (1981) ao escrever sobre a convivência na comunidade de Bello Centro, hoje, Tuparendi, uma pequena cidade interiorana, localizada no Noroeste do Rio Grande do Sul, diz que “*für den heiligen Abend wollen wir ein Krippenspiel einüben, bei dem das meiste gesungen wird*”<sup>12</sup> (p. 29). Assim como eles comemoravam o natal na Alemanha, também tentavam manter essa tradição na nova terra, preservando a sua fé por meio da língua. Os imigrantes da mesma forma que organizavam as escolas, cujo objetivo era perpetuar a preservação da língua, também organizavam suas atividades religiosas. Algumas famílias doavam um pedaço de terra para poderem fundar a comunidade da igreja, *Kirchengemeinde*, e, então, providenciavam o que era necessário para o funcionamento da igreja. A *Kirchengemeinde* pertencia a todos os moradores da comunidade e estes eram responsáveis pelas questões do bom funcionamento. Entre essas questões: a responsabilidade de eleger os diretores que providenciavam um pastor que pudesse conduzir o trabalho religioso. Muitos pastores da Alemanha recebiam incentivos para trabalhar no Brasil. Como o pastor era alguém com estudo, muitas vezes, o próprio pastor era o professor nas comunidades, conforme a imigrante comenta sobre seu pai na próxima sequência discursiva. Ela veio ao Brasil com 2 anos de idade junto com seus pais e sua irmã mais nova. Eles chegaram ao Brasil no início do século XX. Na comunidade, seu pai além de exercer a função de pastor, assumiu o papel de professor por seus conhecimentos e pelo domínio da língua alemã gramatical, a qual ensinava para seus alunos, os filhos de colonos alemães. Embora ela também tenha

---

<sup>12</sup> Para a noite santa (véspera de Natal) nós queremos ensaiar o presépio, no qual, na sua maioria, iremos cantar. [tradução nossa]

passado pelo período intransigente da proibição da língua Alemã, o amor e a identificação com a língua fez com que esse período não a apagasse de sua vida, sobrevivendo até os dias atuais.

R6: Mein Vater hat auch Unterricht gegeben für die Kinder, er konnte gut die Sprache, Gramatik und sowas, dann hat er auch in der Schule gearbeitet. Er unterrichtet auf Deutsch und brasilianisch. Er konnte auch brasilianisch, er hat etwas schon in Deutschland gelernt und als wir hier ankamen, konnte er schon etwas und später hat er hier noch mehr gelernt. Er hat es gern gemacht, Schule für die Kinder geben<sup>13</sup>.

Percebemos pelo recorte, que além de pastor, ele também era professor, responsável pela educação dos filhos de agricultores, já que eles não tinham o respaldo das escolas públicas. Segundo Kipper (1979), a dedicação dos agricultores à educação é visível, “os colonos eram todos alfabetizados e faziam questão de garantir a instrução de seus filhos. Como o governo provincial não providenciava escolas, estas tiveram de ser criadas e mantidas pelos colonos” (p. 19). Percebemos que a educação era tratada com relevância, prova disso, é que os colonos se organizavam e fundavam as *Gemeideschule*, escolas comunitárias, para seus filhos. Com o convívio comunitário e familiar, pautado no auxílio da escola com uma educação voltada para a vida comunitária, eles puderam transmitir seus valores de geração para geração, conseguindo reproduzir um modo de vida muito semelhante àquele que havia em seu país de origem. É claro que muitas questões foram ressignificadas, alguns valores, tradições, na sua nova *Heimat*, foram adaptados, mas a língua permanecia. Neste sentido, a língua Alemã como objeto simbólico e mediador de todas as relações na comunidade, foi fundamental para a socialização e permitiu perpetuar o cultivo de valores e hábitos dos imigrantes para seus descendentes, sedimentando a identidade cultural alemã nas comunidades do Rio Grande do Sul. Dessa forma, a língua se faz presente nos três segmentos da sociedade: na família, na igreja e na escola. Esse conjunto de elementos, que abrange hábitos, condutas, ideias e crenças, está permeado pelo uso da língua e o uso desta também depende destes elementos para sobreviver. A língua, então, pode ser considerada como um elemento simbólico de identidade alemã que permite uma integração social e cultural entre as pessoas. Azambuja (2002) ao se referir à língua Alemã, escreve “a língua está ainda muito utilizada entre os descendentes de forma espontânea, numa linguagem que serve mais do que se comunicarem, tem um profundo sentido de comungarem entre si de uma identidade que os une” (p. 44). Diante disso, podemos dizer que a língua identifica os sujeitos e os une.

Como já foi dito anteriormente, a língua traz consigo elementos sentimentais que não podem ser significados na língua do outro. O próximo recorte é de uma imigrante que chegou ao Brasil com seus pais e dois irmãos mais velhos no início do século XX. Ao sair da Alemanha, ela tinha 3 anos e não se lembra do país e nem da viagem, apenas tem lembranças da sua infância aqui no Brasil.

R7: É muito diferente ler a Bíblia em alemão que foi trazida com muito cuidado pelos meus antepassados, do que ter que soletrar a mesma leitura, onde o significado não é bem entendido. Em alemão parece que cada palavra tem um significado especial.

---

<sup>13</sup> Meu pai também dava aulas para as crianças, ele podia falar bem a língua, a gramática e essas coisas, então ele também trabalhou na escola, ele ensinava em alemão e português. Ele já sabia o brasileiro, ele já aprendeu um pouco na Alemanha e quando nós chegamos aqui, ele já sabia um pouco e mais tarde ele aprendeu ainda mais aqui. Ele gostava de fazer isso, dar aula para as crianças. [tradução nossa]

A fala do R7 ilustra que a língua está ligada a um sentimento, é um elo de ligação que não pode ser expresso da mesma maneira na língua do outro, “*é muito diferente ler a Bíblia em alemão que foi trazida com muito cuidado pelos meus antepassados*”, a língua significa de modo diferente, porque ela traz consigo a trajetória de vida dessas pessoas. É por isso que ao se expressar em alemão, afloram na memória de cada um, sentimentos, vivências, “*em alemão parece que cada palavra tem um significado especial*”, que não podem ser ditas na língua do outro, como ela afirma: “*soletrar a mesma leitura, onde o significado não é bem entendido*”. A sd8 coloca em questão, essa percepção que os sujeitos têm sobre os efeitos de sentido que a língua assume. Segundo Kleine (1964, p. 25), “*Die Sprache ist eben mehr als nur ein Verständigungsmittel unter den Menschen; in ihr wirken und weben durch Jahrtausende gewachsene Lebensformen mit, und ihr Verlust bedeutet immer einen Verlust an seelischer und geistiger Substanz*<sup>14</sup>”. O autor afirma que a língua é muito mais que um instrumento de comunicação, ela é expressão de vida e de constituição dos sujeitos e de seus modos de viver e a própria visão de mundo. Podemos refletir sobre as palavras do autor, ao considerar a afirmação no R7, “*é muito diferente ler a Bíblia em alemão*”. Aqui, podemos perceber que o próprio sujeito imigrante reconhece sua identificação com a língua Alemã e não a língua Portuguesa. O *diferente* nessa afirmação remete aos elementos simbólicos aos quais à língua está atrelada. Diante dessa perspectiva, junto à língua estão os elementos constitutivos desses sujeitos.

Para continuarmos nossa reflexão sobre a língua na constituição da identidade dos sujeitos imigrantes alemães, é oportuno trazermos uma poesia publicada no Jornal Brasil *Post* de Ijuí, em 1889. A poesia Johanna Ulig que recebeu de sua mãe ao imigrar para o Brasil. Não iremos trazer toda poesia, somente a última estrofe e o respectivo título:

Vergest die Deutsche Sprache nicht!

Die Deutsche Sprache soll erklingen,  
Wo die Deutsche Hand den Herd erbaut.  
Frei aus dem Herzen soll sich ringen  
Das Lied in heimatlichen Laut.  
Das Schöne, Edle, Ernste, Grosse  
Und Treue Wahrheit, Tugend, Licht  
Bleib einigen unseres Herzens Sprache –  
Vergiss die Deutsche Sprache nicht!<sup>15</sup>

A poesia trata sobre a importância da língua para a constituição do sujeito e de seus respectivos valores e a mãe pede para a filha não esquecer da Língua Alemã, mas a língua não enquanto norma, mas todos os elementos identitários a que ela remete. Neste sentido, às palavras estão ligados outros valores que, segundo o poema, compõe os sentimentos identitários dos alemães e o sentimento de pertencimento e de fidelidade com a sua *Heimat*.. Diante desse cenário de identificação com a língua e os valores a ela ligados, perguntamos: como ficou a situação dos imigrantes alemães e seus descendentes, na época do movimento Nacionalista, quando foram obrigados a se comunicarem na língua nacional, o português? Exigiram dos imigrantes que eles falassem a Língua Portuguesa, sem lhes oferecer

<sup>14</sup> A língua é muito mais que um instrumento de comunicação entre as pessoas, nela brotam e perpetuam por vários séculos formas evoluídas de viver e sua essência significa sempre uma essência de substância religiosa e de espírito. [tradução nossa]

<sup>15</sup> Não esqueça da Língua Alemã (título) A língua alemã deve ecoar/ onde a mão alemã construir um teto./ Livre dos corações deve ecoar/ o hino pátrio com vigor./O bonito, o perene, o sério e grande/ O fiel, o verdadeiro, os valores, a luz./ Fique nos corações a língua - /Não esqueçam da Língua Alemã. [tradução nossa]

possibilidades mínimas de aprendizagem desse idioma. A proibição de línguas estrangeiras estendia-se a todas as pessoas, não interessava a idade, ou *status* social. Durante muitos anos, as obrigações da educação foram deixadas para os próprios imigrantes e seus descendentes, sem que o governo se preocupasse com estas questões e sem lhes garantir esse direito. Contudo, as práticas políticas governamentais não ignoraram a cobrança da proibição da língua estrangeira e a imposição da Língua Portuguesa do país para todos. Sabemos que nas leis persistia a ideia de construção de nação brasileira, tendo como base o uso da língua nacional e a proibição de línguas estrangeiras em território nacional, mas, ao mesmo tempo, os imigrantes e seus descendentes relutavam para manter viva a sua língua, apesar da violência a que estavam sujeitos.

#### 4. Palavras Finais...

Neste cenário, a língua, como objeto simbólico, faz parte de um entrelaçamento de estruturas culturais e sociais nos modos como os processos de subjetivação se produzem e como os elementos identitários são construídos. Dessa perspectiva, percebemos a importância da língua na construção da identidade de uma nação e os processos de identificação que marcam os sujeitos. É pela preservação da língua que se cultiva as memórias, a cultura e o sentimento de pertencimento. Segundo Pena (2006, p. 92) a “identidade social é uma construção simbólica que envolve processos de caráter histórico e social, que se articulam (e atualizam) no ato individual de atribuição”. Destaca-se, conforme o autor, que a construção simbólica que definem as classes e os sujeitos não é dada e acabada, ela constrói imaginários históricos que são mantidos socialmente e aplicados individualmente.

#### Referências

- ARAÚJO, Anne Francially da Costa. *Língua e identidade: reflexões discursivas a partir do diretório dos índios*. Maceió: EDUFAL, 2007.
- AZAMBUJA, Lissi Iria Bender. *Lingua Alemã: um legado dos imigrantes alemães para Santa Cruz do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- DURKHEIM, Émile. *De La division Du travail social*. Paris: Puf, 1978.
- HAROCHE, Claudine. *A Condição do Sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*. Trad. Jacy Alves de Seixas e Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: 2008.
- KIPPER, Maria Hoppe. *A Campanha da Nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz do Sul (1937 – 1945)*. Santa Cruz: Apesc, 1979.
- KLEINE, Theo. *Assimilierung und Spracherhaltung*. In: Verband der Kulturvereine 25. Juli. Mitteilungsblatt. São Leopoldo, Rotermond, 1964, n. 36.
- LANDO, Aldair Marli e BARROS, Eliane Cruxên. *A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, uma interpretação sociológica*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1981.
- METZLER, Franz. *DEUTSCHES VOLKSBLATT*. Porto Alegre, 12 de janeiro de 1937. Trad. Arthur Blásio Rambo. *Deutschbrasilianische Auseinandersetzung, Sonderdruck*. Druck und Verlag: Metzler Ltda. Porto Alegre: Brasilian, 1937.
- MÜLLER, Telmo Lauro. *Colônia Alemã. Histórias e Memórias*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.
- ORLANDI, Eni Puccenelli. *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.



**Anais do IX Encontro do CELSUL**  
**Palhoça, SC, out. 2010**  
**Universidade do Sul de Santa Catarina**

RAMBO, Arthur Blásio. *O teuto-brasileiro e sua identidade*. In: *Etnia e Educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*. editora: Unisul, 2003.

WOLF, Herbert. *PIONIERS im Lande der Gaúchos – Deutsche Ansiedler im brasilianischen Urwald*. Erste Auflage. Augsburg: FDL – Verlag Augsburg, 1981.